

Professora da Letras leva Lima Barreto para Flip

ISABELLA DE OLIVEIRA

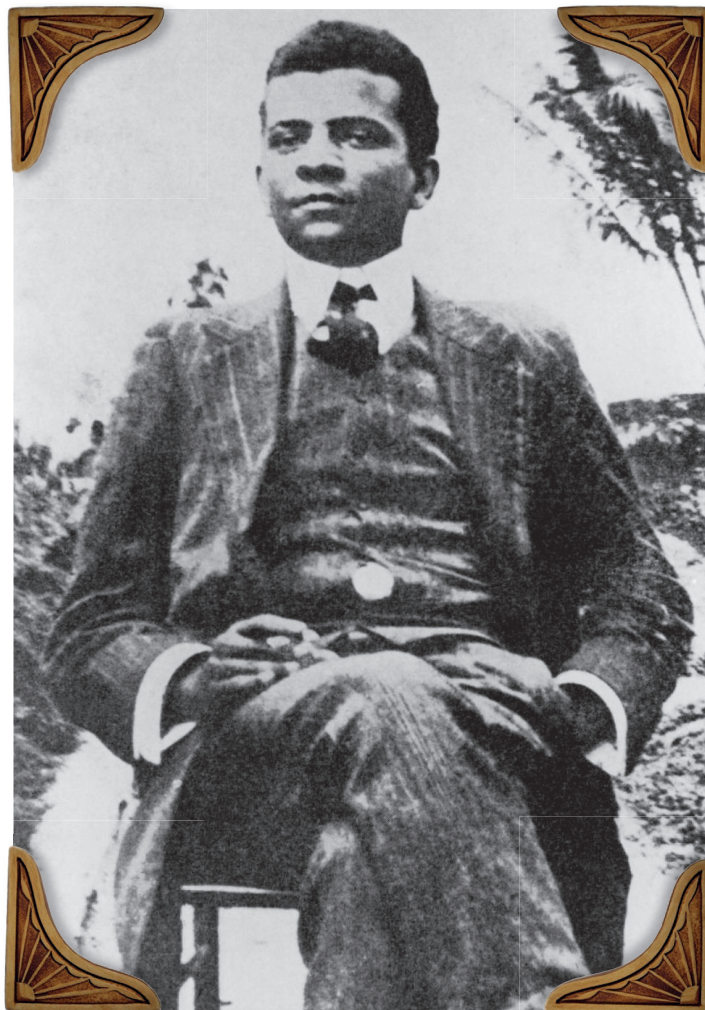
Estudante da UFF e estagiária

Beatriz Resende, da Faculdade de Letras da UFRJ, é uma das convidadas da 15ª edição da Feira Literária de Paraty. Não por acaso. Há quase 40 anos, a professora estuda Lima Barreto (1881-1922), nome homenageado na Flip 2017.

Poeta negro e suburbano, o célebre autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* quebrou barreiras na literatura com uma obra de forte cunho social. “Por um lado, vem atrasada (a deferência), mas por outro vem num momento muito bom. É necessária, não só pela homenagem a ele, mas pela questão das minorias, especialmente negra”, diz Beatriz.

A professora participará de duas mesas da Flip, que será realizada entre 26 e 30 de julho. Na primeira, intitulada “Arqueologia de um autor”, Beatriz estará

com os também docentes Edimilson de Almeida Pereira (da Universidade Federal de Juiz de Fora) e Felipe Botelho



Corrêa (King’s College, de Londres): “Vamos discutir o porquê de Lima Barreto ter demorado a fazer parte

no mundo editorial. Tem muita visibilidade e pauta jornais. Este ano, com questões como o racismo”, explica.

do cânone da literatura brasileira” — o escritor se desentendeu com figuras célebres da época e fazia críticas ao movimento modernista, despontando na época. Na segunda, chamada “Subúrbio”, com a participação do historiador Luiz Antonio Simas, a professora pretende falar do olhar de Lima Barreto sobre o Rio de Janeiro.

Beatriz adianta que lançará na Flip algumas novas publicações sobre o autor, como o e-book “Sobre Lima Barreto”, além do livro “Impressões de leitura e outros textos críticos”.

MAIS DIVERSIDADE

Depois de criticada em 2016 pela falta de diversidade entre os palestrantes, a organização da Flip garante na agenda uma participação de 30% de autoras e autores negros. Para Beatriz Resende, a feira cumpre um papel fundamental: “A Flip é um evento decisivo

ELEIÇÕES DA

AdUFRJ

Eleição para Diretoria da Adufjr e Conselho de Representantes

BIÊNIO 2017-2019

DATA DA ELEIÇÃO
11 e 12 de setembro

INSCRIÇÃO DE CHAPAS
até 11 de agosto

INSCRIÇÃO PARA O CONSELHO
até 1 de setembro

Um ano sem Diego e com medo

> Ainda não há laudo da morte. Alunos do alojamento relatam insegurança

KELVIN MELO

kelvin@adufRJ.org.br

Um ano depois, o assassinato do estudante Diego Vieira Machado na ilha do Fundão continua sem esclarecimento. O paraense, estudante de Arquitetura, foi encontrado morto, com marcas de luta, às margens da Baía de Guanabara, em 2 de julho de 2016. Em nota, a reitoria afirmou pressionar as autoridades policiais por uma solução do caso e para melhorar a segurança da universidade. Mas, para os alunos, especialmente os que moram no alojamento, onde residia Diego, o sentimento de medo continua intenso.

Sâmela Donza estuda Gestão Pública e dá um exemplo do pavor local. Um dia, depois de jantar no bandeirão central, ficou conversando com um amigo, enquanto seu celular descarregou. Quando voltou um pouco mais tarde, todos os amigos estavam nervosos, achando



Ricardo de Souza e Sâmela Donza, da Gestão Pública, cobram segurança

que tinha sido assaltada ou sequestrada. Para ela, a falta de solução para o crime de Diego é reflexo do “descaso” das autoridades. “Um estudante negro, LGBT, saiu do Norte do país e não foi bem acolhido na UFRJ”, disse.

A assessoria da UFRJ respondeu à reportagem que ofereceu apoio ao Instituto Médico Legal para as análises de necropsia do caso. “Entretanto, a Secretaria de Estado de Segurança do Rio pediu a compra de insumos acima das possibilidades da universidade”. A Polícia Civil

não respondeu aos questionamentos da reportagem até o fechamento desta edição.

Gabriela Machado, estudante de Serviço Social, tem um motivo a mais para ficar preocupada: ela é mãe da pequena Dandara, de apenas um ano e quatro meses. “Eu não me sinto segura para brincar com ela numa área verde aqui nos fundos do alojamento. Nem para pegar uma bicicleta com cadeirinha e circular com ela

pelo Fundão”, afirmou.

Sobre a situação da comunidade acadêmica, a reitoria disse ter feito três encontros com a Secretaria de Segurança: “A Cidade Universitária tem uma das menores manchas criminais do Rio. A Prefeitura da UFRJ vem dando prosseguimento às políticas de segurança internas, focadas no monitoramento e prevenção. Paralelamente, tem reivindicado por meio de reuniões com as autoridades competentes o policiamento ostensivo nas diversas unidades da UFRJ”.

Nova direção na Faperj

■ A Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro está sob nova direção. No dia 4, o governador Luiz Fernando Pezão exonerou o então presidente Augusto Raupp, que estava no cargo desde janeiro de 2015. Maria Isabel Castro é a nova presidente. Ela é professora da Faculdade de Odontologia da Uerj e ocupava a Subsecretaria de Ciência e Tecnologia.

O principal desafio da professora é conseguir arrecadar recursos para a Faperj e diminuir a fuga de cientistas do estado. A tarefa não será fácil. Neste ano, a fundação recebeu apenas 9,5% do orçamento devido – dos R\$ 537 milhões, foram pagos apenas R\$ 51 milhões.

Jornalistas pela Educação

■ Ampliar e qualificar a cobertura da imprensa na área educacional. Estes são os objetivos da Jeduca, associação criada por jornalistas há um ano. “Em um país que necessita tanto falar de Educação, também é necessário ter jornalistas preparados para cuidar do tema”, afirma Antônio Gois, colunista de O Globo e presidente da jovem entidade. Nos últimos dias 28 e 29 de junho, a Jeduca realizou seu primeiro Congresso, em São Paulo. Foram oferecidos cursos, palestras e oficinas com representantes de instituições que atuam na Educação. Para investir na qualificação profissional de sua equipe de Comunicação, a Adufrj custeou a participação do jornalista Kelvin Melo no evento.



CONHECIMENTO SEM CORTES

Assine a petição online em www.conhecimentosencortes.org.br

